

## **ROCK E EXPERIMENTALISMO**

Herom Vargas \*

### **Resenha de Daniela Vieira dos Santos, *Não vá se perder por aí – a trajetória dos Mutantes*, São Paulo: Annablume/FAPESP.**

Muito se tem pesquisado e escrito sobre o tropicalismo. Não que o assunto esteja esgotado. Longe disso. Há algumas questões ainda para serem discutidas, sobretudo por ser tema crucial para a música popular produzida no Brasil até hoje. Muito do que é feito atualmente na canção brasileira é, em alguma medida, devedor da tropicália.

Esse movimento foi importante por ter dado diversas diretrizes à MPB no final dos anos 1960 e por ter incorporado séries de informações poéticas e musicais novas à tradição da canção brasileira, libertando-a de algumas amarras estéticas e ideológicas comuns ao período. Se a postura antropofágica teve uma função programática contra a MPB dos festivais, por outro lado, proporcionou condições para várias experimentações na linguagem da canção e que eram impossíveis de ocorrer dentro das condições impostas naquela década. Recuperou ainda as tradições de incorporações e mesclas que sempre foram comuns à cultura popular e à música popular brasileira desde o período colonial. Isso tudo fez com que se abrissem campos de criação até então inimagináveis, situação que se mantém até hoje.

Um desses percursos criativos, de dentro e a partir do tropicalismo, foi o rico trabalho dos Mutantes, grupo de roqueiros de São Paulo formado por Rita Lee e os

---

\* Doutor em Comunicação e Semiótica e Professor do Programa de Mestrado em Comunicação da Universidade Municipal de São Caetano do Sul (USCS). Autor de *Hibridismos musicais de Chico Science & Nação Zumbi* (Ateliê, 2007)

irmãos Arnaldo e Sergio Dias Baptista, baseados respectivamente nos bairros da Vila Mariana e Pompéia. Hoje considerados fundamentais para o desenvolvimento do rock e da música popular brasileira, na época em que surgiram trouxeram muita polêmica com a incorporação dos instrumentos elétricos (guitarra, baixo e teclados) e do rock à música nacional, com o deboche e as paródias em suas canções. E é por este terreno que caminha o livro *Não vá se perder por aí – a trajetória dos Mutantes*, de Daniela Vieira dos Santos (Annablume/FAPESP, 234 p.), uma adaptação de sua dissertação de mestrado em sociologia feito na UNESP.

A autora se concentra nas experimentações do grupo quando participaram do movimento, ao lado de Gilberto Gil, Caetano Veloso e outros, e depois de a tropicália ter sido oficialmente finalizada, no final de 1968. Essa mudança teve a ver com questões internas do grupo e interesses expressos por Rita, Arnaldo e Sergio, com a separação do grupo baiano e com a própria dinâmica cultural do período. Aqui aparece um dos pontos altos do texto, já no capítulo 1: a caracterização das dinâmicas culturais dessa passagem de décadas, tanto quanto aos debates político-ideológicos como as transformações das estruturas do campo da canção popular (indústria fonográfica, televisão, festivais, imprensa etc.).

Seus objetivos são claros: "... resgatar a produção do grupo realizada entre fins da década de 1960 e meados da posterior, a fim de perceber o motivo da mudança sonora na estética do conjunto, cuja mistura antes existente de técnica – e não somente tecnologia –, criatividade e bom humor se dissolveu" (p. 24). A ênfase do estudo, fundado em ampla literatura da sociologia, da história, dos estudos em música popular e no material de imprensa da época, recai sobre as características da experimentação do grupo: de um lado, as posturas de deboche e paródia e, de outro, as relações com os novos equipamentos usados na música dos anos 1970 e criados por Claudio Cesar, outro irmão dos Baptista.

A autora parte de um pressuposto muito interessante, contrário à tendência generalizante e evolucionista percebida em vários trabalhos sobre a tropicália, desde os seminários de Augusto de Campos (escrito no calor da hora) e de Celso Favaretto (de fins dos anos 1970, sendo o primeiro estudo acadêmico a respeito) até outros mais recentes. Todos esses escritos se pautam no movimento cultural denominado tropicalismo e suas características. No entanto, cada artista participante teve suas nuances e eles estiveram presentes por determinados motivos e/ou conjuntura. Não é possível considerar que, no caso em questão, os Mutantes tivessem o mesmo interesse ou motivação que Caetano Veloso ou Torquato Neto, por mais que, naquele

momento, estivessem juntos. O mesmo é possível pensar se considerarmos a relação do grupo com o maestro Rogério Duprat, com quem o trio trabalhou intensamente. O projeto estético de Duprat, por mais que se alinhasse ao dos Mutantes, não era o mesmo. Ele dialogava com os jovens roqueiros, mas ambos direcionavam suas ações a caminhos distintos. Daí a dificuldade, no entendimento de Daniela, em tratar todos de forma horizontal, como fizeram vários autores cujos trabalhos tenderam "a seguir a mesma direção, no sentido de desconsiderar as especificidades dos outros integrantes do movimento" (p. 93).

Com relação a certo evolucionismo presente na famosa frase de Caetano de que eles retomavam, com o tropicalismo, a "linha evolutiva" da bossa nova e incorporada ao discurso construído sobre o movimento, temos que fazer reparos. Como consequência da generalização anterior, a autora nos mostra que os Mutantes não estavam entrincheirados em alguma batalha programática contra as canções de protesto, típicas dos festivais, e muito menos tiveram a "intenção de superar os impasses entre a música engajada e a Jovem Guarda e, além de tudo, com a preocupação em 'resgatar a linha evolutiva da música popular brasileira'" (p. 109). Isso pelo simples motivo de que o rock não passava por isso. Daí, como demonstra Daniela no capítulo 2, a vinculação dos Mutantes à contracultura, por meio do rock, do bom humor e da paródia.

Esses dois pontos e a discussão sobre o rock e a contracultura são as bases para a análise feita no capítulo 3 dos seis discos lançados pelo trio, desde o primeiro LP, de 1968, até o último, de 1972, antes da saída de Rita e Arnaldo. Aqui ficam claras as especificidades da experimentação e da criação do grupo. Em primeiro lugar, com o uso da tecnologia colocada à disposição deles pelos equipamentos da época (pedais, sintetizadores, mesas de som etc.) e pela engenhosa cabeça de inventor de Claudio; em segundo, a verve satírica e paródica presente nas letras e, com apoio de Rogério Duprat em alguns discos, nos arranjos. Vale ressaltar que tais análises não repetem o erro de alguns estudos sobre música popular de centrar foco apenas na letra, como se nela estivessem todos os sentidos da canção e a instrumentação, os arranjos, as vozes nada acrescentassem ao propósito geral do que se deseja dizer. Ao contrário, Daniela revela para o leitor as amplas relações entre letra e música, entre projeto estético e arranjo, entre canção e performance. E essa rede de signos construída pelo grupo é uma das coisas mais importantes para seu entendimento.

Um exemplo interessante, a título de ilustração, está nos comentários sobre a clássica gravação de *Panis et circenses*, de Gil e Caetano, presente no primeiro disco dos Mutantes. Ali é possível perceber as várias nuances nas relações entre a proposição da letra e sua configuração em canção a partir dos instrumentos, do arranjo, das vozes e de uma série de colagens sonoras e ruídos. Tais sonorizações, influência da música erudita de vanguarda e, aparentemente, não pertencentes à canção, são fundamentais para a geração de sentido que se quer. Daniela mostra ainda que esses mesmos elementos são também influência dos Beatles no trabalho do grupo, como visto em *Being for the benefit of Mr. Kite*, do histórico disco *Sgt. Pepper's Lonely hearts Club Band*, lançado um ano antes e muito discutido na época.

Esses processos revelam também o trânsito entre os experimentalismos em campos distintos e que, conforme a autora deixa claro, muito disso por conta do clima de contracultura no período.

Assim, este trabalho preenche um espaço aberto na análise e no entendimento não só do tropicalismo, mas dos processos que ocorreram no campo da canção e, mais geral, na cultura, entre os anos 1960 e 1970.